



Atualizando os ataques ou a força da roda viva



*...A gente estancou de repente
ou foi o mundo então que cresceu
A gente quer ter voz ativa
no nosso destino mandar
Mas eis que chega a roda viva
e carrega o destino pra lá...
Chico Buarque*

Estamos em um momento de muitos ataques. Em menos de uma semana foi anunciado um parecer da LDO que reduz em 10% as despesas de custeio, veda reajustes salariais e contratações; uma portaria que permite o remanejamento obrigatório de servidores, o que vai levar a perseguições, fechamentos de órgãos e enfraquecimento dos sindicatos; tivemos um novo andamento do Escola Sem Partido na Câmara Federal; e além disso já estamos enfrentando os reflexos dos cortes de verbas, os projetos de fechamentos de campi e reordenamento da Rede Federal, ponto eletrônico e diversos mecanismos de controle/inviabilização do trabalho sendo implementados. São tantos ataques que você pode estar se perguntando, qual a relação entre tudo isso?

Estamos em um período de fortes ataques aos nossos direitos, o impeachment de Dilma e a ascensão de Temer são mais uma ferramenta do capital para adequar o governo às suas demandas, ataques diretos aos nossos direitos, sem mediação, como saída para a crise econômica.

É uma contradição insolúvel, a saúde do capital é nosso adoecimento, nossa morte. Assim, setores que para os trabalhadores são prioridades, como saúde e educação, para o capital são meros gastos não prioritários, pois, em tempos de crise, o foco não é a formação de profissionais para que possam contratar; o foco é o investimento direto, isenção de impostos, empréstimos a fundo perdido, anistia de dívidas e tudo o mais é cortado.

É nesse contexto de cortes gerais em setores que são fundamentais para os trabalhadores que a ocorre o desmonte da educação pública e que a Rede Federal é atacada. E não somente as instituições de ensino, mas sobretudo nós, os trabalhadores, que damos sustentação a essa Rede.

Toda ofensiva está articulada e tem apontado para uma pers-

pectiva: a de avanço do capital sobre a educação. Por isso, esses diferentes ataques, em várias frentes, se articulam, não somente como um plano maquiavélico de senhores em gabinetes (que também existem), mas como lógica do capital para saída de sua crise que move a ação do Estado e seus diferentes sujeitos.

Estamos sendo atacados enquanto classe (vide Reforma Trabalhista e Emenda Constitucional 95/2016), como ramo dos trabalhadores do estado – trabalhadores do funcionalismo público (vide Decreto 9262/2018, que extingue cargos, novo parecer da LDO e Portaria de remanejamento obrigatório), como categoria com os cortes de verbas diretamente vividos nos locais de trabalho, ponto eletrônico, ameaça de retirada das 30 horas, e que sentimos como indivíduos, nos inúmeros casos de assédio moral, aberturas de PADs e perseguições vividas nos locais de trabalho.

As ações pontuais e as resistências que estamos fazendo são fundamentais, pois somente estando em luta é que temos possibilidade de vitória (quem não luta, já está derrotado), mas é preciso ressaltar que nossos corajosos esforços, ainda que muito importantes, precisam ter como desdobramento uma luta maior enquanto categoria e ações em conjunto com outros trabalhadores, a começar pelos trabalhadores do Estado.

É tempo de organizar nossa reação, de nos prepararmos para enfrentamentos maiores, de dialogar com os companheiros nos locais de trabalho sobre os ataques. É muito comum que em momentos como esses, as saídas mais rápidas e insuficientes sejam as mais buscadas. A ilusão eleitoral, a busca de um “salvador da pátria”, não é solução para a classe trabalhadora, e ainda que com projetos distintos, tem-se buscado esse caminho como alternativa, seja a direita apontado Bolsonaro, sejam os setores do lulopetismo e adjacências jogando todas as fichas em “Lula livre”.

A alternativa está tão clara quanto a dificuldade de encará-la: somente a luta muda a vida! E por ser a luta um grande desafio nesse momento, observam-se diversos mecanismos de fuga entre os trabalhadores e a própria militância, mas não há outra opção, só a luta dos trabalhadores organizados pode reverter esse quadro. A luta de classes é a força motriz da história, já dizia um velho barbudo, e é atuando juntos, como sujeitos dela, que poderemos alterá-la!

Ofensiva também no IFMG: campus Ouro Preto, resista!

Sob a alegação da implementação de uma nefasta política de padronização proposta pelo MEC, o reitor do IFMG embarcou no projeto de sucateamento do governo federal e tem imposto uma série de cortes no número de docentes e técnico-administrativos ao campus Ouro Preto, uma instituição que faz parte da Rede Federal de Ensino há 74 anos.

Referência no ensino tecnológico da região do quadrilátero ferrífero, em Minas Gerais, o campus Ouro Preto tem perdido sistematicamente as vagas dos servidores que se aposentam na instituição, pois a Reitoria do IFMG se nega a repor as vagas, alegando que o campus está acima do chamado “Modelo MEC”.

Como instituição quase centenária, o campus Ouro Preto existia muito antes da expansão da Rede Federal de ensino tecnológico e, portanto, não pode ser penalizado pelas normas que regem essa expansão. O “Modelo MEC” serve de parâmetro balizador para a abertura de novas unidades e as suas normas não estabelecem, em momento algum, a necessidade de redução do número de servidores das unidades da Rede. A proposta do reitor é uma simples submissão à política de desmonte da Setec/MEC.

A situação se torna ainda mais dramática pela postura da direção do campus, que para manter uma aliança política definida nas eleições do Instituto atua na contramão da posição da comunidade do campus. A despeito da posição do Conselho Acadêmico que luta contra as imposturas, a diretora não demonstra qualquer reação contrária à postura do reitor e à retirada de vagas do campus. A mesma alega que “utopicamente” podemos almejar ampliar nosso quadro, atendendo

mais alunos, quando o que a comunidade tem observado é a precarização nos espaços e condições de trabalho.

O Sinasefe IFMG tem liderado um movimento de resistência no campus, com a realização de um Seminário de Lutas para a construção das ações de mobilização a fim de barrar mais esta tentativa de avanço da política de desmonte do IFMG que começou pelo campus Ouro Preto. Uma das tarefas urgentes do momento é ampliar e fortalecer essa luta!



Firmes na luta, companheirada!

A luta pela permanência dos campi do IF Baiano e do IFBA na cidade de Valença-BA ganhou mais um importante capítulo nesta semana



Deputados Estaduais realizaram uma audiência pública na manhã da última terça-feira (03/07) na Assembleia Legislativa da Bahia (ALBA) para discutir a situação do possível fechamento de um *campus* de Instituto Federal na cidade de Valença-BA.

Essa luta começou no dia 19 de junho, com o anúncio do MEC de visita aos dois *campi* para avaliação institucional a fim de passar a sua proposta de incorporação do IFBA pelo IF Baiano. Essa proposta foi veementemente rechaçada pela comunidade acadêmica dos dois *campi* e pela sociedade civil organizada da cidade.

Estudantes impediram a entrada dos representantes do Ministério nos *campi*, dando a resposta da classe trabalhadora de que não aceitariam uma

imposição de fechamento ou incorporação de um *campi* pelo outro.

De forma planejada, servidores e estudantes dos dois IFs se dirigiram na tarde do dia 19 de junho para a Câmara Municipal de vereadores de Valença-BA, que teria sessão deliberativa naquele momento, para exigir dos parlamentares da cidade que assumissem posição radical em defesa dos dois Institutos na cidade. Por unanimidade, a sessão da Câmara aprovou uma Nota de Repúdio à atitude autocrática do MEC de fechar um dos Institutos da cidade. Dessa mesma audiência foi articulada uma assembleia conjunta de servidores e estudantes do IFBA e do IF Baiano para o dia seguinte (20/06) e a convocação de uma audiência pública na cidade, em 26 de

junho, para tratar mais aprofundadamente da temática.

Da luta popular protagonizada por trabalhadores, estudantes e toda a comunidade da microrregião do baixo sul da Bahia, foram conquistados, em audiência da ALBA, importantes encaminhamentos políticos contra a desestruturação dos Institutos Federais e contra o fechamento ou junção dos campi existentes em Valença-BA: a “Carta de Salvador” (que conterà o posicionamento político da ALBA) e uma Moção de Repúdio à atitude do MEC de buscar a fusão dos *campi*.

Ainda foi solicitado aos deputados presentes a composição de uma Frente Parlamentar da ALBA em defesa dos Institutos Federais, além da presença do MEC à Casa Legislativa (após convite formal) para prestar seus esclarecimentos à questão.

Só a Luta Muda a Vida!
Firmes na luta!



Não ao assédio e à perseguição política no Colégio Militar do Recife

No último dia 29 de junho, militantes de diversas seções se fizeram presentes no ato “Diga não ao assédio e a perseguição política no Colégio Militar do Recife”, convocado pela Direção Nacional (DN) do SINASEFE e também por organizações e entidades do movimento sindical e movimentos sociais. O ato foi motivado pela concretização do processo de remoção do dirigente sindical Flávio Barbosa, caracterizando mais um ataque aos trabalhadores manifestado por meio de perseguição política e assédio moral – que se acirram nos espaços de militarização da Educação.

O ato aconteceu na BR-101 que dá acesso ao quartel da 7ª Região (atual espaço de lotação de Flávio) e ao Colégio Militar do Recife (CMR). Após às 10 horas houve trancamento da BR por militantes que estendiam uma faixa em denúncia aos atos de perseguição cometidos pelo CMR. Além das faixas, a denúncia também ocorreu com a entrega de panfletos relatando o acontecido à população que percorria o trecho e aos estudantes do CMR.

Observe-se que esta situação não se reduz apenas ao caso de Flávio, mas atinge todos os dirigentes sindicais e

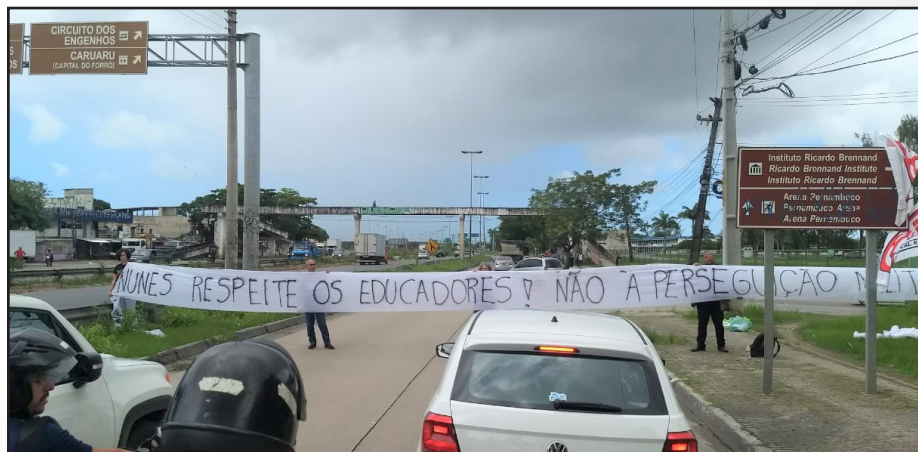
trabalhadores que ousam defender seus direitos! É um ataque explícito aos servidores do CMR e ao SINASEFE, tendo em vista que outros membros da diretoria da seção sindical do CMR (inclusive suplentes) estão respondendo sindicância.

Os militares tentaram nos intimidar em diferentes momentos enquanto o ato acontecia, seja através de filmagens, fotos ou ameaças. Enquanto isso, ao tomar conhecimento de existência de assédio e perseguição política no CMR, muitos recebiam o material com espanto e manifestavam apoio aos perseguidos.

Em nossa avaliação, o ato teve

um peso significativo para as lutas que precisamos travar no SINASEFE. Contou com a presença da DN, das seções Assines e Sindsifpe, e mostrou a necessidade da resistência aos ataques e aos processos de militarização da educação e da vida.

O SINASEFE segue em prol da defesa dos trabalhadores e trabalhadoras! Continuaremos na construção de um novo sindicato que se reaproxime do trabalho de base, rompa os limites da burocracia e dos gabinetes de negociação! Não iremos nos curvar diante de nenhuma arbitrariedade! Não iremos descansar enquanto essas perseguições se mantiverem!



Expediente



Esta é uma publicação do SINASEFE. É autorizada a reprodução total ou parcial do conteúdo, desde que citada a fonte.
Plantonistas responsáveis: Camila Marques (Coordenadora Geral) e Ed Fábio Agapito (Secretário de Combate às Opressões)
Diretores de Comunicação: Lucrécia Iacovino (Sinscope-RJ) e Michel Torres (Sintifir-RJ)
Edição e Revisão: Mário Júnior (MTE-AL 1374)
Design Gráfico: Flávia Destri Garcia
Contatos: dn@sinafe.org.br e imprensa@sinafe.org.br
Acesse nosso site: www.sinafe.org.br

Fale com o Sinafe

Fone:
(61)

21924050



Filiado à:

